

BEZERRA, Raíssala. “Por que as pessoas não usam máscara?” – Relatos sobre um Experimento na Cidade. João Pessoa: UFPB. Graduanda em Bacharelado em Teatro – UFPB; Pesquisadora/Bolsista do PIBIC - UFPB (IC) 2020/2021.

## RESUMO

Neste texto, são reunidos relatos sobre um experimento realizado na cidade de João Pessoa – PB, nos meses de outubro e novembro de 2020. Por meio desses relatos, são realizadas leituras da cidade no contexto pandêmico nesse período. Pretende-se estabelecer relações dessa prática, com reflexões apresentadas pela pesquisadora Eleonora Fabião, sobre experiências performativas e a importância do espectador para a trama. Com os apontamentos de André Carreira, sobre um ator que invade a cidade como dramaturgia para a experiência criativa. Destaca-se que esse experimento compartilhado, possui caráter processual, de modo que futuras investigações podem adentrar nele. Nota-se que o cenário pandêmico, contribui para o processo intitulado: “Por que as pessoas não usam máscara?”. Porque proporciona reflexões sobre comportamentos sociais e investigações possíveis de atuação na cidade diante essa conjuntura.

**Palavras-chave:** Experimento. Cidade. Pandemia. Espectador. Ator Invasor.

## ABSTRACT

In this text, reports about an experiment carried out in the city of João Pessoa - PB, in October and November 2020, are gathered. Through these reports, readings of the city are performed in the pandemic context in this period. It is intended to establish relationships of this practice, with reflections presented by the researcher Eleonora Fabião, about performative experiences and the importance of the spectator for the plot. With André Carreira's notes, about an actor who invades the city as a dramaturgy for the creative experience. It is noteworthy that this shared experiment has a procedural character, so that future investigations can enter it. It is noted that the pandemic scenario contributes to the process entitled: "Why don't people wear masks?". Because it provides reflections on social behaviors and possible investigations of action in the city in the face of this conjuncture.

**Keywords:** Experiment. City. Pandemic. Spectator. Invading Actor.

## INTRODUÇÃO

O experimento na cidade foi impulsionado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFPB). A pesquisa tem como foco as criações performativas a partir da relação do artista com o espaço da cidade e vem se adequando as novas configurações possíveis sobre a ocupação da rua e espaços entre as pessoas em elevados fluxos sociais.

A investigação está sendo realizada por mim, Maria Raíssala Bezerra Fernandes, estudante da graduação de Bacharelado em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba. Com orientação de Líria de Araujo Morais, pesquisadora e professora do Departamento de Artes Cênicas da UFPB.

Afirmo que o desejo de estar na rua para observar e experimentar é de minha responsabilidade. Nos encontros com a orientadora Líria Morais, a mesma alertou sobre os cuidados que deveria ter ao realizar essas

observações e ações, buscando uma autoproteção e estratégias de diálogo com a cidade nesse contexto pandêmico.

Esse experimento foi realizado na capital paraibana, João Pessoa, especificamente nos bairros do Centro e Mangabeira I. O mesmo foi feito através de observações e vivências no período de outubro e novembro de 2020. Tem como foco investigativo a observação dos fluxos de pessoas e seus comportamentos na cidade diante esse contexto. Por meio dessas observações, que foram feitas através de caminhadas, buscou-se experimentar como o corpo se colocava nesse espaço.

Incômodos foram surgindo durante o experimento, ligados ao contexto pandêmico, mas também relacionados ao meu corpo enquanto território feminino. Como esse corpo feminino é observado? Como ele reage aos contextos externos? Como procurar táticas para dialogar com as pessoas no espaço? Reflexões como essas foram surgindo e impulsionando o processo.

## **O CONTEXTO PANDÊMICO COMO IMPULSIONADOR DE REFLEXÕES**

A Pandemia provocada pelo novo Coronavírus, decretada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), colocou o mundo em alerta. Há pouco mais de um ano, a quarentena se iniciava no Brasil, o mundo parou e estava ficando “de cabeça pra baixo”, ou já estava? Incertezas, mortes, leitos superlotados, isolamento, máscara, álcool e gel. Palavras que rondavam e rondam o cotidiano da sociedade.

Atualmente, o isolamento social que antes era mais rígido, está mais flexível em decorrência de planos propostos pelos estados brasileiros. Mas o número de casos pela Covid continua em crescimento, segundo o Painel Coronavírus, são mais de quatorze milhões de casos pela Covid19 confirmados no Brasil.

Um conjunto de estratégias para evitar a disseminação do Coronavírus foi lançado pela OMS, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), uma das recomendações é o uso da máscara e álcool e gel para higienização das mãos.

A OPAS indica que: “Em áreas onde o vírus está circulando, máscaras devem ser usadas quando você estiver em ambientes com aglomeração, onde você não pode estar a pelo menos 1 metro de outras pessoas [...]” (OPAS/OMS BRASIL, 2020). A mesma diz que mesmo com a máscara, deve-se manter distância física das pessoas o quanto possível.

Essas recomendações apresentadas contribuíram para os questionamentos perante as observações durante o processo do experimento, que será descrito posteriormente. Destaco que para essa investigação, foram utilizados a máscara caseira e álcool e gel, como recomenda a OMS.

As medidas tomadas por cada estado para evitar a proliferação do vírus, precisam se aliar com as ações da população. Mas que medidas são tomadas pelo governo brasileiro para auxiliar na segurança de milhões de trabalhadores? Como o governo se coloca diante a pandemia? Essas e outras perguntas me fazem refletir sobre as ações da população, como elas refletem o atual “governo” que rege nosso país.

Cabe salientar que esse “governo” desde os primeiros momentos da pandemia, agiu de forma irresponsável e desumana. Citando especificamente o “presidente”, em vários momentos de sua aparição, o mesmo não utilizava a máscara, promovia aglomerações e ainda brincava com o quadro exorbitante de mortes causadas pelo Coronavírus. A população alienada desde o princípio ao apoiar esse candidato, em algumas circunstâncias, acaba reproduzindo os discursos e ações do mesmo.

Muitas reflexões foram despertadas em cada período da pandemia. Enquanto artista refletia em como as artes da cena se reinventariam nesse cenário. Várias sensações afloravam no corpo no momento inicial da quarentena: medo, preocupação, decepção, dúvida, incerteza. Algumas delas ainda estão comigo até hoje.

Entre os meses de março a outubro passei o isolamento social em Crato-CE, tendo em vista que antes de ser decretado *Lockdown*, no dia de 19 de março de 2020, me desloquei de João Pessoa-PB para Crato-CE, cidade que meus pais residem.

Conviver esse período na cidade do Crato provocou várias redescobertas, reconexões, escuta desse espaço e das relações existentes. Durante esses meses, meu corpo despertava uma necessidade de escuta desse lugar. Escuta dos contextos presentes na casa dos meus pais, os contextos externos, que traziam uma sensação de incomodo perante algumas situações. Escuta também dos medos em relação à pandemia.

Senti também uma constante reconexão com cada camada do lugar, com meus familiares. Algumas coisas me incomodavam no ambiente, uma delas, é a prática muito frequente no bairro, de colocarem paredes com um volume muito alto, com letras de música machistas. Me sentia afetada com essas letras que tratam a mulher como objeto sexual, algumas até naturalizam o contexto de drogarem a mulher sem consentimento, para praticar atos criminosos. Como dialogar com essas questões?

Esses compartilhamentos formam camadas de reflexões, para os relatos sobre o experimento feito em João Pessoa. Pois os meses de isolamento contribuíram para compreender como meu corpo reagiu ao estar na rua, o que ele buscou compreender, como se relacionou, o que incomodou etc.

Nesse período também, especificamente entre maio até o início de outubro, participei de encontros feitos de forma online, com o Grupo de Investigação em Dança Radar Um<sup>1</sup>, orientado por Líria Moraes. Nesses momentos, senti a necessidade de “gritar”, de colocar no corpo esses atravessamentos. Busquei investigar como encontrava o silêncio em mim, mesmo com todo barulho externo. Procurei reavivar o saber sobre meu direito de estar, de afirmar que corpos femininos devem ser respeitados.

Também senti saudade de estar na rua, de fazer arte na rua. E foi por meio de objetos memórias, que fui matando um pouco dessa saudade nos encontros do grupo. Algumas peças de roupas que trouxe comigo de João

---

<sup>1</sup> Linha de pesquisa Radar 1 - Grupo de Improvisação em Dança. Possui a prática como impulsionadora da pesquisa, buscando continuamente relacionar a prática com a teoria, acerca da improvisação/composição em dança e os aspectos da rua/cidade relacionados com a criação artística.

Pessoa, me proporcionaram investigar a liberdade que sentia estando nas ruas antes da pandemia, ao vesti-las, ao dançar com elas, etc.

## **RELATOS SOBRE O EXPERIMENTO NA CIDADE**

Agora, começo a discorrer sobre quando cheguei à cidade de João Pessoa. O trajeto da rodoviária até o centro (onde moro) cruza o Centro Histórico da cidade, lugar que frequentava muito antes da quarentena. E atravessar o Centro Histórico no UBER, foi como atravessar as ruas no domingo a caminho do Anima Centro (projeto de fomento as artes da prefeitura), na Casa da Pólvora (espaço cultural da cidade). A saudade se contentava ao ver, mesmo que de passagem aquelas ruas e prédios que faziam parte das minhas andanças antes do contexto atual, os olhos marejavam lágrimas de felicidade.

Destaco que moro em João Pessoa na Residência Universitária Feminina Elizabeth Teixeira (RUFET), localizada no centro da cidade. A mesma nesse período estava em obra e nesse espaço comecei a me questionar sobre o não uso ou uso incorreto da máscara.

Em uma situação que fui até a lavanderia da casa, através do olhar de questionamento (eu estava de máscara), um funcionário levantou a máscara (que estava sendo usada no queixo). Foi por meio dessa ação de focar no mesmo com a expressão do olhar, que notei o posicionamento dele de colocar a máscara corretamente. Fiquei incomodada com o não uso correto da máscara, em um espaço relativamente pequeno, coletivo.

Ao sair da residência para as primeiras observações na rua, fui ao Mercado Central, que fica localizado na Avenida Dom Pedro II. Os gritos dos vendedores, o calor, as frutas coloridas chamando atenção, tudo ganhava uma intensidade tamanha para mim. Depois de tanto tempo, estar nesse espaço, me fazia se sentir como se ele tivesse sido ampliado.

Comecei a andar pelo Mercado Central e pelo centro, especificamente no Parque Sólon de Lucena. As ruas estavam cheias, a sensação que tinha ao observar é de que os fluxos do comércio seguiam e que boa parte das pessoas aparentava não se preocupar tanto com o uso da máscara e com o distanciamento.

Quando atravessava esses espaços, procurava se afastar de pessoas sem máscara. Nas minhas sensações corporais, sentia muita tensão. Para mim, o vírus circulava por ali, não se conseguia ver, mas a sensação ao ver várias pessoas sem máscara era de que ele (o vírus) estava ali.

Ao realizar essas observações, não possuía uma construção prévia do que queria experimentar, apenas segui andando pelas ruas, calçadas, colocando meu corpo nesse contexto. Para a pesquisadora Eleonora Fabião (2009, p. 238): “Corpos são vias, meios. Essas vias e meios são as maneiras como o corpo é capaz de afetar e de ser afetado. O corpo é definido pelos afetos que é capaz de gerar, gerir, receber e trocar”.

Tendo em vista essas informações, percebo que meu corpo foi sendo afetado pelas relações que trocava, pelo movimento constante das pessoas que passavam por mim. E proporcionava essas afetações nos transeuntes, era uma troca mútua. O barulho, as informações, as cores, iam ampliando um estado de atenção para dialogar com esse espaço.

Nessas primeiras caminhadas estava disposta a observar, experimentar, a sentir as camadas do ambiente, como elas me afetavam. No livro “Do Ritual ao Teatro”, do antropólogo Victor Turner (2015), citado por Fabião, diz que etimologicamente, a palavra experiência abarca as sensações, os riscos, a tentativa, o aprendizado. E que o corpo em questão possui um antes e um depois da experiência.

Antes de cada caminhada na rua, estava disposta a observar e experimentar. E com as trocas na rua, o mesmo ia ganhando um estado de preocupação, de tensão e também desejava direcionar para as pessoas questionamentos que iam surgindo durante o processo. Como mencionado por Turner (2015), o corpo tinha um estado antes e após a experiência.

Nessas caminhadas pelo centro, comecei a andar lado a lado as pessoas, mas ao ver vários transeuntes sem máscara, usando indevidamente, meu corpo foi ampliando movimentos de afastamento das pessoas e procurando espaços onde podia circular com distanciamento. Frequentemente, como se fosse um flash, uma pergunta me surgia: Por que as pessoas não usam máscara? Esse questionamento possui relação com o contexto pandêmico, pois até então, a prevenção é um meio eficaz para evitar a proliferação do vírus.

Outras usavam a máscara de maneira incorreta, com o nariz descoberto, com ela no queixo e em uma das observações, vi um homem que usava a máscara na testa. A minha primeira reação foi de espanto, pois até então não tinha visto ninguém usar o equipamento assim. Fiquei curiosa para entender a motivação do uso dessa maneira e passei com distanciamento pelo mesmo com um olhar de curiosidade.

Foi também no centro da cidade, que comecei a me descolar no meio da pista, junto com os carros, de início me trazia uma sensação de segurança. Buscava procurar brechas entre os carros estacionados e os que circulavam. E quando tinha que subir nas calçadas, ia desviando de maneira bem perceptível das pessoas. Fazendo movimentos de parar, de forma brusca, onde recebia olhares de espanto para a ação. Também circulava determinado grupo aglomerado, procurando realizar essa ação com distanciamento.

Usava a velocidade na locomoção para fazer esse desvio, o vírus era a ameaça. O desvio de um vírus que não se vê. Me coloco aqui num lugar de reflexão, camadas da sociedade tentam se desviar de tantos problemas sociais: desigualdade, pobreza, fome, etc. e o vírus é mais um inimigo, diante todo o cenário que antecede o aparecimento do mesmo.

A pesquisadora Eleonora aponta que a desaceleração do ilusionismo, ficção e narrativa provoca um estado de presença e participação do espectador, promovendo uma experiência de criação de significação entre os envolvidos. Ela cita:

Em outras palavras, o performer não pretende comunicar um conteúdo determinado ao espectador, mas, acima de tudo, promover uma experiência através da qual conteúdos serão elaborados. A cena-não-cena lança o espectador em um “drama” cru, o da relação com o performer, a performance, o consigo, os outros, o espaço e o contexto histórico. (FABIÃO, 2009, p. 243.)

As trocas e relações com o espectador o colocavam em lugares de dúvida, questionamentos, estranheza, perante as ações que eu fazia. As ações não possuíam uma narrativa estabelecida previamente, não me colocava com o interesse de performar personagens fictícios. Estava ali, com o meu corpo, no agora, disposta a ser atravessada pelas reverberações da rua.

Fabião fala sobre o interesse em explorar características próprias, biográficas na performatividade e faço uma relação com o processo do experimento, pois estava na rua com a pulsão de comunicar questionamentos e posicionamentos que sentia no contexto pandêmico, vindos da minha presença enquanto fazedora de arte.

Posteriormente, me desloquei até o bairro Mangabeira I, fiquei hospedada na casa de um parceiro de vida e arte, Roger Ferreira, artista pesquisador das Artes na rua. O mesmo acompanhou em alguns momentos do processo do experimento por esse bairro e fez registros dessas caminhadas.

Até então, não tinha transitado a pé no bairro de Mangabeira I, fiz caminhadas especificamente pela Rua Josefa Taveira, que é um espaço que possui grande fluxo de pessoas, lojas e também no Mercado Público de Mangabeira.

Adentrar esse bairro, que não era o que morava, me colocou em um estado de observação inicial, para buscar apreender minimamente como eram as relações nesse espaço e captar o que ele gerava no meu corpo. O pesquisador André Carreira (2011) comenta que são características das cidades o convívio de várias camadas paralelamente habitando um mesmo lugar. E que essas relações são marcadas pelo atrito e/ou acomodação, que acontecem de maneira dinâmica. Para Carreira: “O habitar a cidade é sempre um deslizamento sobre superfícies já ocupadas” (CARREIRA, 2011, p. 15).

Nas caminhadas pelo bairro, percebi que continuavam alguns estados corporais que surgiram no centro, os de tensão, preocupação e atenção. O fluxo de pessoas era intenso, várias com uso indevido da máscara, outras sem usá-la, como nas observações do centro.

André Carreira considera a cidade como texto dramático para o ator invasor, este toma o espaço urbano como matéria para seus processos criativos. Os diversos significados da dinâmica urbana que estão ali antes da intervenção artística acontecer, possui uma força intensa que interfere na performance.

Esse estado de invasão que fala o autor, bem como a potência da rua fazendo parte da construção criativa, fez parte do processo intitulado: “Por que as pessoas não usam máscara?”. Para ele, o ator: “Invade, ainda quando não se sente invasor, e está ali ocupando uma zona à qual é um estranho e com a qual tem um diálogo que não é simples” (CARREIRA, 2011, p. 17).

Nas investigações em Mangabeira, foi como atriz invasora (“ator invasor”, termo utilizado por Carreira) que ocupei um espaço que é meu (por ser público), mas que não é meu (pela existência de fluxos estabelecidos desconhecidos). Procurei evidenciar no experimento os questionamentos que surgiam não somente com o olhar, mas também através da fala, ações de movimento, etc. Em algumas situações perguntei diretamente o porquê da pessoa não usar máscara.

Em uma delas, adentrei em um espaço fechado, procurando manter distância do proprietário que estava sem máscara. Nesse caso específico eu

lancei a pergunta: por que não usa máscara? O mesmo permaneceu em silêncio, perguntei pela segunda vez e assim continuou, mas dessa vez dirigiu o olhar para mim, como se não se importasse com a pergunta que tinha feito. Me retirei do lugar.

Carreira fala que as performances artísticas proporcionam rupturas do cotidiano e estimulam novas posturas e relações. No momento em que lanço a pergunta, percebo que existe uma quebra do comportamento nesse espaço, sendo ignorada propositalmente ou não, o proprietário não respondeu. Será se alguém já tinha feito essa pergunta? Será se era normal está sem máscara nesse ambiente?

Carreira cita que: “A fratura das rotinas é ponto chave da produção de sentidos que o espetáculo propõe, pois supõe outras formas de convivência, ainda que momentâneas”. O autor afirma que esse teatro de invasão é o que através da sua presença busca romper os fluxos de uso da cidade e que também coloca para discussão a noção tradicional de teatro, o ator, sua função, formação. Para ele, a expressão “ator invasor” que utiliza:

(...) Tem neste texto apenas uma função provocativa, não busca fundar um conceito, e muito menos estabelecer uma nomenclatura a ser aplicada no dia a dia. No entanto, expressa um pressuposto dessa abordagem que considera o teatro na cidade como uma prática que lê a cidade como dramaturgia, e invade um território alheio. (...) A presença deste “ator invasor” é o ponto inicial da transformação da rotina. (CARREIRA, 2011, p. 20).

Ao se deslocar pela rua, teve um momento que ia atravessar pelo Trevo das Mangabeiras, o local destinado para pedestres era bem estreito e extenso, também possuía barreiras de proteção. E numa ponta dessa travessia, avistei na outra ponta um homem que estava para passar sem máscara. Resolvi caminhar em direção a chegar à ponta que ele estava, ao se aproximarmos, procurei dialogar com ele através do olhar, que fixamente o perguntava o porquê dele não está com o equipamento de proteção.

Após passarmos lado a lado, o homem seguiu, percebi que o mesmo virou de costas (várias vezes), olhando para mim e estava sem entender ou incomodado, impressões que tive com a ação (virar de costas) que ele tinha feito. André Carreira diz que na rua somos olhados e olhamos, se preocupamos, temos percepções do outro e estamos sujeitos a viver as ameaças vindas dos compartimentos de espaços.

A atitude do homem de virar de costas e olhar para mim, como um gesto de encarar, me trouxe uma sensação, mesmo que pequena, de medo. Pois me perguntava e se ele voltar? O que ele pode fazer? O que será que despertou nele a minha ação de indagar com o olhar? Faço essas perguntas como meio de lançar possíveis reverberações desse experimento tanto em mim, como nas pessoas.

Essa sensação de risco dessa situação faz parte do estar na rua, dialogar com ela pode reverberar ações que geram tensões, pois cotidianamente a mesma está condicionada a comportamentos pré-estabelecidos. Carreira fala que os processos dos atores permeiam territórios desconhecidos e até proibidos com presença intensa, são nesses espaços que os atores inventam fazer sua arte. Ele diz:

O risco é um componente essencial do exercício de apropriação dos espaços da cidade, lugar que apresenta uma série de perigos para a vida, ainda quando estes digam respeito mais ao imaginário, e respondam a uma tensão que parece típica de nossas cidades. Os riscos são parte da condição do urbano. A rua, esse espaço inóspito, se opõe ao conforto e segurança dos espaços íntimos. (CARREIRA, 2011, p. 23).

As caminhadas com as observações de imagens, locais e situações foram somando ao processo. Compartilho três imagens/situações que me fizeram refletir sobre os diferentes contextos tendo a máscara como centro:

**Situação 1:**

A primeira, um bebê exposto ao aglomerado de pessoas no centro. Como o responsável lhe dá com essa situação? Quais os riscos essa criança está tendo?

**Situação 2:**

A segunda, trabalhadores sem máscara derrubam uma peça de carne no chão sujo em Mangabeira quando se dirigiam para um açougue. Seres humanos expostos ao vírus e expostos ao capitalismo, onde se perderem uma peça de carne daquele porte podem sofrer consequências no seu trabalho. Quem comeria a carne? Essa segunda reflexão foi feita juntamente com Roger Ferreira. Os trabalhadores apanharam a peça e levaram para o açougue.

Figura 1 – Caminhada em Mangabeira I



Fonte: Roger Ferreira

**Situação 3:**

A terceira, ao atravessar de ônibus na Rua Josefa Taveira, um homem entrou no mesmo e vendeu máscaras como meio de ganhar renda. Nesse caso, o equipamento contribuía para a sobrevivência dele.



Uma observação onde o bebê não tinha obviamente a decisão de se proteger, outra onde não se usava a máscara e outra onde ela tinha um papel importante para a renda. Coloco-me num lugar de reflexão para compreender as camadas que envolvem esse equipamento na pandemia. As perguntas, os questionamentos, as ações estão como forma de tencionar a mim e o espaço, como forma de gerar leituras, de buscar reverberações mesmo que macro diante a pandemia.

O caminhar impulsionando os questionamentos e ações de movimento no experimento, foi determinando as vivências, as imagens, etc. Vinícius Lírio, no caminhar de um mapeamento de criação de duas poéticas que se inscreve como sujeito-criador: Ruína de Anjos, entre 2014 e 2015 e Áruas, em 2018, cita que:

O caminhar, acabou, assim, por se tornar uma prática que nos possibilitava esse contato direto com a cidade, em experiências estéticas nos espaços e tempos nos quais nossa vida se desdobra. Esse movimento, a princípio, em deslocamentos “aleatórios”, “sem rumo”, acabou por determinar as escolhas, as imagens, as situações, os locais, os discursos, o desenho dessas poéticas. (LÍRIO, 2020, p. 554)

Destaco que esse caminhar com as observações de imagens, locais e situações foi somando ao processo, como impulsionaram o processo de criação das poéticas de Lírio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabemos que nosso comportamento afeta diretamente o outro, existe a necessidade de pensar coletivamente. E isso está diretamente ligado ao contexto pandêmico, o mesmo contribuiu para esse processo. Acredito na possibilidade de investigação de estar na rua, com as limitações presentes no momento de pandemia, para se posicionar, para criar reflexão. Como cita Fabião:

O chamado é por uma ativação do corpo como potência relacional, uma tomada de consciência ativa de que nossas dramaturgias não apenas participam de um determinado contexto, mas criam “estilo de vida” e “situação política”. Sobretudo aqui e agora, neste nosso país, a um só tempo enrijecido e flácido por conta de tantas e tamanhas truculências políticas e descalabros sociais, sobretudo aqui e agora, neste nosso país tão profundamente marcado pela herança colonial, a performance interessa por ser a arte da negociação e da criação de corpo – aqui e agora. (FABIÃO, 209, p. 245)

Considero-me uma atriz invasora, termo utilizado por Carreira (“ator invasor”), não como forma de engessar conceitos, mas como uma atriz que tem a cidade como dramaturgia para criação. Tendo em vista os fluxos, as rotinas do espaço, esse lugar de invasão vem como forma de fissurar esses comportamentos, mesmo que de forma momentânea.

Compreendo o caminhar como impulsionador para o experimento, que por meio dele, foram surgindo imagens/situações que ativaram questionamentos e ações para o experimento.

Faço relações desse experimento com elementos apontados pelos autores mencionados e destaco a importância da cidade, seus fluxos e transeuntes para o experimento criativo.

Não cabe nesse texto buscar definições concretas para o experimento, tendo em vista o caráter processual e a interligação de características das artes na cena contemporânea.

## Referências

CARREIRA, André. **Sobre um ator para um teatro que invade a cidade**. Moringa- Artes do Espetáculo, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/11745>>. Acesso em: 09 de nov.

CORONAVÍRUS, Painel. **Painel Geral**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 21 de jan.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Sala Preta, v. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em: 09 de nov.

LÍRIO, Vinícius. **Corpo(s) em Deriva: entre passeios performativos e a cena expandida**. X Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas da UFPB / I Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas, p. 545-567, 2019. Disponível em: <[https://93f7830a-5c1a-4a60-8b5f-d9a9acc659ea.filesusr.com/ugd/d84573\\_4a43e60938b7495093a6a423bd3ff170.pdf](https://93f7830a-5c1a-4a60-8b5f-d9a9acc659ea.filesusr.com/ugd/d84573_4a43e60938b7495093a6a423bd3ff170.pdf)>. Acesso em: 18 de fev.

SAÚDE, Organização Pan-Americana da. **COVID-19: OMS atualiza guia com recomendações sobre uso de máscaras**. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6194:opas-disponibiliza-em-portugues-novo-guia-da-oms-sobre-mascaras-cirurgicas-e-de-tecido&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6194:opas-disponibiliza-em-portugues-novo-guia-da-oms-sobre-mascaras-cirurgicas-e-de-tecido&Itemid=812)>. Acesso em: 28 de dez.

SAÚDE, Organização Pan-Americana da. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 28 de dez.